

RIBALTAS E GAMBIARRAS

REVISTA SEMANAL

REDACTORA

GUIOMAR TORREZÃO

2.^a SERIE

NUMERO 45

GERENTE

HENRIQUE ZEFERINO

LISBOA, 30 DE OUTUBRO DE 1881

Summario: — *Souza Bastos*, Guiomar Torrezão — *Chronica Alegre*, Guiomar Torrezão — *Horas de tedio*, A. M. Cunha Bellem — *Carteira de um phantasista*, Sergio de Castro. — *Soirées em Madrid*, Manlius — *Atravez do binoculo*, Trovador, Gabriel Claudio — *Rumores dos palcos* — *Bibliographia* — *Album enygmatico, charada*, D. Elisa Basto — *Um crime na charneca*, folhetim, Julio Lourenço Pires.

ERRATA

O n.º 44 das *Ribaltas* saiu deploravel de erros, aggravados pela impressão da gravura, que não podia ser peor!

De uma bella gravura, devida ao habil buril de Pastor, fez a typographia uma bella mascara!

Além d'isso, escaparam os seguintes erros:

No *Atravez do binoculo* saíram separados os artigos de theatro que deviam ir seguidos. Na biographia onde se lê: «na escolha, mas incerto ainda na sua orientação, hesitante dos processos» leia-se: «mas incerto ainda na sua orientação, hesitante na escolha dos processos», onde se lê «carraiera», leia-se «carreira», onde se lê «sobresaltada» leia-se «sobresaltado». No *Atravez do binoculo* onde se lê, «tm heroe do Chiado», leia-se «Um heroe do Chiado», onde se lê «Gabriel Glaudio», leia-se «Gabriel Claudio.»

Nas *Soirées em Madrid* onde se lê: «se lá foram» leia-se «lá se foram», onde se lê: «o surdo mais sublime e que nasceu», leia-se: «o surdo mais sublime que nasceu», etc, etc, etc.

SOUSA BASTOS

A primeira cousa que se faz em regra, e segundo os tramites vulgares, quando ha ideia de escrever uma biographia, é exigir apontamentos.

Eu, porém, apartando-me completamente da vereda trilhada, não exijo apontamentos.

Não peço, unicamente—saiba-se a verdade—porque não posso.

E senão o leitor que julgue.

Á hora em que eu confio a mim propria o grato encargo de esquivar a phisionomia litteraria de Sousa Bastos e em que, assentando-me tranquillamente á minha meza de trabalho, tento coordenar as ideias, avivar as lembranças, fixar os traços, preparar emfim os elementos indispensaveis que me habilitem a desenhar, com mais ou menos fidelidade, os principaes caracteristicos d'essa individualidade inteiramente fóra do commum, Souza Bastos, a unica pessoa que poderia ministrar-me os preciosos esclarecimentos, acha-se a distancia sufficiente para que a sua resposta só me chegasse um mez depois, isto é, no Rio de Janeiro.

Felizmente, nas vespervas da partida, ha cerca de 6 mezes,

quando elle veio aqui despedir-se, instigada talvez por um secreto presentimento, lembrou-me perguntar-lhe a idade.

Singular coincidência!

Nesse mesmo dia completava Sousa Bastos 37 annos.

Sei eu por conseguinte, e sabem os leitores, que o laureaudo auctor dramatico, de quem estou tratando, nasceu no dia 13 de maio de 1844.

Esta noção, verdadeiramente inapreciavel em relação a uma esterilidade absoluta de factos orientadores, e o conhecimento que possuo das elevadas qualidades de espirito e coração que nobilitam o biographado, são, á falta de outro, os melhores elementos que eu posso offerecer á execução do meu trabalho e á benevolencia dos meus leitores.

Sousa Bastos é principalmente um homem de extraordinaria actividade.

A este singularissimo predicado, raro em um paiz onde o *farniente* é quasi uma virtude, reúne o distincto escriptor o bom senso, que é sempre uma superioridade.

Audacioso, emprehendedor, possuindo uma imaginação inexgotavel e uma coragem assombrosa, pondo sempre no exito dependente dos seus projectos a confiança dos fortes e a alegria dos bons, Sousa Bastos engana-se poucas vezes e vê em geral claramente e lucidamente os pontos vulneraveis e as probabilidades felizes.

Casando aos 16 annos, não dispondo de grandes meios e achando-se aos 20 annos cercado de filhos e com o peso esmagador de uma familia nume-

rosa, Sousa Bastos teve de fazer face ao destino e de acceitar a vida sob o aspecto de uma luta cortada de alternativas dolorosas, na idade em que ella sorri á maior parte da gente sob a apparencia de uma festa.

Incerto ainda no emprego que melhor conviria ás suas aptidões, embora se sentisse attrahido, logo nos primeiros passos, pela fascinação do theatro, o laborioso rapaz ensaiou successivamente varias occupações, sendo aquella que mais lhe captivára o espirito, povoando-o de sonhos luminosos e de esperanças sorridentes, a que menos probabilidades offerecia como esteo seguro de uma carreira definitiva.

Impellido pela confiança absoluta na sua boa estrella e animado pelo ardor entusiasta da vocação, foi essa exactamente que elle preferiu.

N'uma nação pobre, onde a população que escreve é quasi



Sousa Bastos

tão numerosa como a população que lê, com uma litteratura claudicante, escassamente remunerada, fazendo *pendant* a cinco theatros raramente concorridos, Sousa Bastos concebeu um dia o plano, escandalosamente inverosmil, de se fazer auctor dramático e de viver exclusivamente da penna.

O que, porém, excede as raías do espanto é que esta fantasia, aparentemente digna de figurar no relatório do dr. Craveiro, tornou-se dentro em poucos annos uma realidade.

Começaram a subir á scena em todos os theatros e a figurar em todos os cartazes, succedendo-se com pasmosa fecundidade, dramas, comedias scenas cómicas, originaes de Sousa Bastos.

E o povo, para quem elle escrevia, a quem elle commovia e interessava, arrancando-lhe com a mesma facilidade o riso e as lagrimas, apresentando-lhe as cambiantes da sua existencia humilde, habilmente reproduzidas em quadros engenhosos, singelamente expressos, em linguagem facil e comprehensivel, inflamada do ardor democratico e tocada da exaltação romanesca, o povo começou a sentir uma verdadeira idolatria por esse auctor que sabia acordar todas as curiosidades, agitar todas as sensações e vibrar todos os sentimentos da sua grande alma ingenua e entusiasta, o povo encheu os theatros onde se representavam as peças de Sousa Bastos e depois de o adorar, de o applaudir, de o victoriar, de transformar cada uma das produções do novel autor em um successo doido, fez-lhe uma popularidade absolutamente nova e sem precedentes em Portugal.

Essa popularidade conduziu naturalmente o moço autor a explorar um genero em que o seu talento deveria naturalmente afirmar a sua pujança.

As *Revistas do anno*, que havia longos annos constituíam em França uma copiosa fonte de receita para as empresas e para os auctores, interessando extraordinariamente as multidões, não produziam o mesmo resultado em Portugal.

Algumas tentativas infelizes succumbiram fulminadas pela pateada ou repellidas pela indifferença.

O imaginoso escriptor sentiu por isso mesmo um desejo irresistivel de experimentar o genero.

As revistas, anteriormente representadas, não passavam, com ligeiras excepções, de uma exhibição de *fantoques*, mais ou menos desengraçadamente manejados.

Sousa Bastos collocou homens onde os collegas tinham posto titeres, e substituiu a tirada idiota e o dialogo rotineiro pela allusão espirituosa, pela phrase mordente e pelo epigramma scintillante de bom humor, ferindo certo o alvo e corrigindo, ou pelo menos fustigando, as vaidades ridiculamente prudhommescas da sociedade portugueza.

Nada pode pintar o exito assombroso d'essas revistas, aper-

feiçoadas de anno para anno, dispondo progressivamente de mais amplos elementos e alargando cada vez mais o plano primitivo.

As casas passavam-se com muitos mezes de antecedencia.

Os jornaes faziam d'essas revistas um assumpto; o publico, pela sua parte, considerava-as um estimulante irresistivelmente appetitoso. Os theatros da Rua dos Condes e Principe Real, onde successivamente subiram á scena, viram desfilar durante as suas 50, 60 ou 70 representações uma sociedade composta de todas as *nuances*: jornalistas e mendigos, duquezas e costureiras, poetas e lojistas, capitalistas e marujos, litteratos e operarios.

Inimitavel e superior a tudo quanto apparecera até então, Sousa Bastos conquistou definitivamente nas *Revistas* os seus diplomas de auctor dramático e adquiriu um grande nome, merecidamente festejado.

O theatro do illustre escriptor dá um catalogo extensissimo.

As suas principaes produções, além de 6 ou 8 revistas, são: *O actor*, *Os ladrões de Lisboa*, *O capitão maldito*, *O demônio negro*, *O povo* e muitas outras, afora um numero consideravel de traducções.

Ultimamente, representou-se no Principe Real uma nova comedia em um acto, expressamente destinada ao *debut* da graciosa actriz Pepa na *Phenix* fluminense.

A comedia, que tem por titulo *A estrella de uma actriz*, habilmente urdida para collocar a debutante em evidencia, apresenta além d'isso uma deliciosa galeria de typos cómicos que parecem arrancados ao lapis de Gavarni.

Cedendo ao appello que o attraia além do Atlantico, para essa luxuriante America, opulenta de juventude, que exerce sobre a imaginação de todos nós uma especie de encantamento, Sousa Bastos teve de abandonar a empresa do Principe Real, administrada por elle, ha cerca de dois annos, com inexcusavel competencia.

Sempre orientado pelo rastro luminoso de sua estrella e fortalecido pela mesma fé inabalavel, partiu para o Rio de Janeiro no dia 18 do corrente, levando o seu repertorio e no amago d'esses filhos dilectos da fantasia as mais ardentes esperanças da sua alma.

GUIOMAR TORREZÃO.

CHRONICA ALEGRE

A chuva, que este anno está com pouca vontade de refflorir as couves e de enriquecer os chapeleiros, conspira na presente occasião, invisivelmente, contra os cantores de S. Carlos.

Porque, se a sr.^a Turolla não tem enramalhado a fronte de

FOLHETIM

UM CRIME NA CHARNECA

CAPITULO I

José da Castella governava o lar com ares de tyranno; identificado com a sua paixão venatoria ás batidas da charneca e dos montados longiquos, sómente preferia a taberna, e a Joaquina é que fazia tudo. Carregava o combustivel, a agua, cultivava as favas, tractava dos animaes domesticos, provia a tudo. O seu corpo anemico andava derreado, derrancado pela fadiga e pela escassez do alimento.

José da Castella reclamava tudo isto com um egoismo brutal e reclamaria o sangue da mulher, se lhe fôra necessario á existencia, com a soberana serenidade de quem apresentasse uma pretensão indisputavelmente legitima. Para isto se casára, a mulher era uma propriedade, de que elle gosava com soffreguidão, extrahindo-lhe tudo o que podia dar. E o Castella ia explorando, mas rosnando sempre descontentamentos; um demônio interior impellia-o para a violencia e para um mal-estar constante.

Em certos dias então sentia dentro de si effervescencias raiosas; irritações sem, causa indomaveis, allucinavam-n'o, e se n'estes dias as suas perturbações organicas coincidiam com a escandecencia alcoolica, o sangue de José da Castella rugia então tempestades; as réplicas da mulher eram acolhidas com murraças e martellava rijo, um lindo sarilho de cachações, entremeado de berros destampados, imprecações apoplecticas e um arregalar epileptico de olhos injectados.

O pobre corpo defecado da Joaquina da Portella rolava no chão pegajoso, e ficava-se solapada a um canto, como uma rodilha, a soluçar a sua lenta agonia:

— Anda, acaba com esta negra, has de ganhar muito com isso, se eu te faltar has-de ter quem te sirva melhor, não tem duvida.

E o alarve grunhia n'uma voz avinhada:

— Ah! não te desenganas a andar-me direita como um fuso... Ainda não tens a tua conta?... Se me chias apanhas outra dose.

A Josepha enfiada presenceava estas scenas abominaveis com o seu olhar esboghado de creança amedrontada. E logo que começou a espigar uniu-se com a mãe no mesmo esforço para trazerem contente o desalmado, dobradas a uma lide incessante, n'uma servilidade medrosa e degradante.

Aos quinze annos a Josepha já era uma mocetona de bra-

loiros virentes, se o sr. Bulterini não colheu ainda um *bouquet* de palmas viçosas, se o successo não se resolveu definitivamente a pairar sobre a cabeça do sr. Kaschmann, batendo as suas grandes azas sonoras, não é tanto pela ausencia da voz, que por vezes baixa sensivelmente no thermometro melódico dos mesmos senhores, é simplesmente pela exuberancia de azul, que está desmentindo no alto a rigorosa exactidão mathematica dos almanachs.

Dêem-nos uma boa batega de agua, fortemente sacudida por um rispido sudoeste, desenrolem nos asphallos do Chiado um fôfo e macio tapete de lama, mergulhem as suas botas embezzerradas n'essa pegajosa lama emolliente, recebam na face, desdenhosamente enxuta, ainda impregnada das resinas dos pinhaes, ainda voltada saudosamente para as preguiçosas scismas da *villegiatura*, gosada á sombra dos castanheiros folhudos, as gôtas da chuva, grossas e pezadas, ou as pingas miudas e teimosas, que se infiltram na pelle, penetrando-a de um desconforto que pede banhos de luz, *douches mornos* de gaz, aquecendo salas velludasas e apagando a impressão triste de uma noute embrulhada em nevoa, como um corpo envolvido na mortalha.

O inverno, o authentico e legitimo inverno, que venha atirar-nos para os theatros, onde trinam os rouxinoes lyricos, illuminados pelo sol do lustre; cêsse este delicioso verão de S. Martinho, que nos chama para a vida ingleza dos largos passeios hygienicos, onde as horas vôm enleadas em pueris contemplações; que nos leva por esses campos fóra presos da miragem do estio que foge, e immediatamente a *prima-donna* Emma Turolla, que, segundo a opinião de muita gente boa, não passa de uma lamparina, tomará as proporções de um astro; o sr. Bulterini attingirá de subito o ideal dos tenores que dão o *dó* pondo os olhos em alvo, e o sr. Kaschmann retomará o seu lugar eminente na galeria das celebridades.

Ah! não imaginam o que é a intervenção da galocha de borracha no *elenco*!...

Não calculam a importancia da lama na musica!...

Não suppõem a influencia tonificante de uma boa pancada de agua no enthusiasmo!...

Para que S. Carlos nos pareça um paraizo, mesmo que em rigor não resoem no palco as citharas dos archanjos e as vozes dos seraphins, é absolutamente indispensavel que o Chiado principie a afigurar-se-nos um inferno.

Aconselho, por consequente, ao sr. Freitas Brito que depois de escripturar a Donadio escripture um aguaceiro.

*

O acontecimento verdadeiramente importante da quinzena foi

ços roliços, masculamente endurecidos nas asperezas dos trabalhos mais rudes.

Effervescia-lhe no corpo agil a saude e a seiva da mocidade; o sangue opulento espirrava-lhe na carnação quente das faces pennujadas, como succos saborosos na turgidez de um pecego succulento de maturação: sob a causticidade constante do sol a carne sadia alambreava-se-lhe nas maçãs do rosto proeminentes, no pescoço firme como o pedaço de um columnelel marmoreado, e na rijeza dos braços torneados. O cabello negro como azeviche, em uma fartura crespas e inculta, emaranhava-se-lhe sobre a testa, como um ornato barbaro, e sob este escuro docel os olhos pestanudos, com o *tic* de se esgasearem na estupefacção de scenas violentas, costumados á contemplação de uma natureza monotona e agreste, tinham reflexos estranhos de uma braveza a um tempo desconfiada e odienta.

E esta physionomia, de uma belleza desusada e impressiva, contrahia-se por vezes na severidade de uma melancholia. Intelectual compia então o trabalho e ficava-se com o olhar fluctuante, como absorvida em um pensamento que dominava todas as faculdades affectivas.

Em quanto pequenita o José da Castella infundia-lhe um terror invencivel; mas assim que as fragilidades da infancia, na evolução do seu organismo, o iam transformando

a tourada de Cascaes, uma festa olympica, que Alfredo Anjos, um rapaz exuberante de mocidade, de intelligencia e de contos de réis, tres dons opulentos que o perdulario destino reuniu generosamente em uma só pessoa, depôz aos pés da rainha, como Buckingham espalhava perolas aos pés de Anna de Austria.

Alfredo Anjos, pela alta elegancia do seu nome de *sportsman*, pela fina cortezia do seu convite e pela novidade da festa, despovoou Lisboa e collocou a modesta villa de Cascaes no conflicto de não poder o continente absorver o contheudo.

Lembra-me, a proposito do esbelto calção, uma deliciosa phrase de alguém que lhe pertence pelos mais estreitos laços.

Fallando-se da existencia a *grandes brides* vivida por Alfredo Anjos, esse alguém, que facilmente se adivinha, disse:

—Eu não receio que elle devore a fortuna, que felizmente é solida e poderá fazer face ás mais avultadas despezas; a minha unica apprehensão é que a fortuna o devore a elle!

GUIOMAR TORREZÃO.

HORAS DE TEDIO

Uma confissão ingénua, que nos está mesmo a borbullhar, aqui, nos bicos da penna, vae levantar contra nós a indignação de milhares d'almas caudidas, que acreditam ser a semsaboria um artefacto de producção exclusivamente nacional, ou pelo menos, que não precisa de direitos proteccionistas na pauta aduaneira, para concorrer vantajosamente com os productos similares de estranha origem.

Pois o melhor é não confessarmos nada, e deixar viver, na doce illusão, quem n'ella vive.

Mas não será isso tambem uma prova de fraqueza, um documento de que não temos a coragem das nossas opiniões— como se diz invariavelmente, ha vinte annos, no estylo guindado da politica partidaria?

Aconteça o que acontecer, lá vai a confissão!...

É dita ao ouvido, baixinho, em segredo. Ninguem a revelará: confiamos na discricção de cada um que nos escuta.

Solemnemente o juramos.—É preciso que juremos para sermos acreditados.—Solemnemente juramos que, em Paris, n'aquella gentil leviana que adora o bulicio, que tudo sacrifica á sede insaciavel dos divertimentos, onde o prazer é o fim e a riqueza não passa de um meio, em Paris, nós, bons burguezes d'esta pacata Lisboa, temos tido horas de invencivel tedio, de anhelo de regressarmos á patria, ou, pelo menos, de expedir

na consistencia de fôrmas mais vigorosas, e á medida que o seu animo se ia retemperando energicamente nos conflictos da sua vida trabalhada, aquella emoção de pavor volvia-se em uma repugnancia rancorosa.

Ah! como ella odiava aquella monstruosidade de homem. Queria lá pensar que aquella ente abominavel era seu pae!... Ella só via n'aquella creatura sem entranhas o verdugo de sua mãe, que o servia como uma negra, submettendo-se-lhe como um sabujo debaixo dos pés, e o excommungado a moer aquelle pobre corpo de martyr, que parecia por milagre ter-se em pé! Quando estes pensamentos a estimulavam, sentia nas profundezas do seu ser um remontar de extraordinarias energias latentes, que lhe punham o sangue em cachão; n'estes momentos parecia-lhe que a insuflava uma força sobrenatural, e a pesada enxada, movida com extraordinaria agilidade, perdia então o seu pezo nas mãos que a empunhavam n'uma crispção nervosa.

E uma vez que o José da Castella, em uma das suas crises virulentas e avinhadas, investiu com a mãe, a Josepha, n'um impulso de indignação, atravessou-se entre os dois, pallida, desvairada, n'uma rigidez nervosa, com os braços tesos, os punhos cerrados raivosamente.

JULIO LOURENÇO PINTO.

para cá o nosso espirito pelo telegrapho electrico, deixando lá a *bête* a estafar-se ao longo dos boulevards, radiosos de luz, desvairados de concorrência.

Dá-se este accesso de nostalgia alli pelas horas em que a noite começa, durante a estação calmosa, alli pelas horas em que a geração passada ia aspirar para a lage as brisas do Tejo e a geração presente vae ostentar para a rua central do passeio publico uns trajas vistosos e ligeiros, que nem sempre protegem da rajada do norte, aspera e ingrata, a levantar na atmosphera, já irrespiravel, densas nuvens de poeira homicida.

É a hora de entrar nos theatros; e a semsaboria dos theatros no verão não é doença endemica do nosso paiz; antes, ao contrario, domina epidemicamente em todas as longitudes e latitudes d'essa Europa.

N'aquelle immenso hotel do mundo, n'aquelle enorme bazar do bom-tom, onde entram, cada dia, dez mil forasteiros, uma parte dos theatros fecham prudentemente as suas portas, e a Grande Opera, dá as peças mais estafadas do repertorio, porque os principaes artistas andam em villegiatura, ou correm aos estabelecimentos thermaes, em procura de remedio para revigorar uma voz que não têm. Ainda assim, a Grande Opera não toma ferias, como que empenhada em dar em quantidade de canto o que, por vezes e não são raras, lhe falta em qualidade, e é d'essa enorme população fluctuante, que se compõe então o publico sollicito em ir cada dia tomar bilhetes em *location*, para ter entrada na sala, d'ahi a duas, tres ou quatro noites, e poder ir morrer de calor, entre os pesados estofos vermelhos dos *fauteuils*, só para que admire, n'aquelle sumptuoso edificio, a inspiração do artista, que ficou na magestosa escada, deixando a sala a parecer antes capella-mór de opulenta cathedral, toda enriquecida, no tecto, de magnificos altos relevos de talha dourada, a que as emanações do gaz têm dado o tom pesado e triste do bronze oxydado.

Podiamos, é verdade, optar pela *Comédie française*, onde se alternavam as ropresentações da fina comedia, *Le monde où l'on s'ennuie*, que não tivemos a coragem de ver, receiosos da predestinação do titulo, com as da peça *OEdipe-roi*, que não teve muita voga, o que não obstara a que, cada noite, fôsse qual fôsse o espectáculo, os forasteiros ás centenas, occupassem todos os logares de *premier* e de *deuxième bureau*, assando-se mutuamente, n'uma atmosphera abrazadora.

Então, occorria-nos preferir os theatros de segunda ordem; mas de uma noite em que, por chover agua a cantaros e fazer frio nas ruas, nos abalançamos a ir ás *Folies dramatiques*, ouvir *Les mousquetaires au couvent*, original do *arreglo* que, na Trindade, se cantou com muito applauso, com o titulo *Dragões d'El-rei*, apanhámos, por milagre, o ultimo *fauteuil* livre, pagámos mais do que se paga em S. Carlos, para estarmos n'uma sala, digna de rivalisar com a do finado Salitre, e estivemos toda a noite sem poder fumar, pois que, ou haviamos de vir para a rua fumar o nosso charuto debaixo da agua, o que não era muito de appetecer, ou tinhamos de nos privar da satisfação do vicio, se queriamos conservar-nos enxutinhos, por que os regulamentos policiaes prohibem que se fume nos theatros, por causa dos incendios, o que não obsta a que em Paris haja muito maior numero de sinistros pelo fogo, do que em Lisboa, onde se fuma por toda a parte.

Nos *Mousquetaires au couvent*, favorecidos por uma enorme concorrência, applaudidos a cada trecho, como se fosse a primeira representação, achámo-nos face a face com um barytono, que dava falsetes, e com um tenor, que tinha a rara prenda de ser ainda mais detestavel do que o barytono; vimos o papel correspondente ao do D. Nicomedes dos *Dragões*, interpretado de modo muito inferior á interpretação que lhe deu Leoni, e até mesmo á de Firmino, sendo, ainda assim, o unico que era representado com senso artistico; não nos extasiámos, nem com a voz nem com a declamação da protogonista; e aquella sua irmã ladina e curiosa, vimol-a desempenhada por uma actriz velha parecendo nova, como os enterros da rua Nova da Palma, e desempenhada de tal maneira que passava desapercibida.

Nós temos medo de fazer d'estas comparações, porque, já

de uma vez, fallando dos *Sinos de Corneville*, que ouvimos em Paris, tivemos a desastrada franqueza de dizer que preferiamos o desempenho de Ribeiro e Herminia, voz e tudo, ao dos artistas francezes e tanto bastou para que dissessem que viajaramos com o hymno da restauração dentro da mala. E debalde protestavamos que o nosso patriotismo nada tinha que ver com a nossa apreciação artistica, ou que a nossa apreciação nada tinha que ver com o nosso patriotismo; que admiravamos o esplendor do *mise-en-scène* da Grande Opera, que admiravamos a fina interpretação e rigoroso bom gosto na *Comédie française*; e que só não admiravamos o que nos não parecia digno de admiração!

Ficámos apontados como soffrendo de imbecilidade patriótica, de que damos agora segundo documento, confessando a nossa preferencia pelo desempenho portuguez da mesma peça, que um olho daria ao diabo se tivesse para a interpretar em Paris um actor de recursos comicos e vocaes do pae Queiroz, ou um tenor com a voz sã e cheia do Portugal.

Fugimos para as *Folies Bergères*, uma sala muito mundana, onde quizeram implantar ultimamente os concertos classicos, desastrada ideia, que fez com que fugissem os velhos frequentadores, velhos, queremos dizer antigos, porque em Paris não ha velhos... nem velhas, vistos por fóra—e não apparecessem frequentadores novos, talvez com o receio de que a elegante sala, com o seu jardim coberto que a antecede, e que tem sido theatro de muitas scenas de faceis amores, estivessem empestados pelos miasmas da devassidão; e comquanto haja razões para acreditar que cada qual se tivesse vaccinado com o microbo attenuado do mal que receivamos, sempre temeram o contagio ou infecção, e não foram lá, morrendo os concertos classicos, á falta de ouvidos, e restaurando-se o reinado dos trabalhos acrobaticos, das cançonetas, dos bailados e dos amores, volutuozos como os bailados, petulantes, como as cançonetas, e elasticos como os proprios acrobatas.

Ahi havia uma dança allusiva, *Le reveil des folies*, que, na primeira noite, entretinha os olhos, mas na segunda, na terceira, na quarta... indefinidamente, era de uma desesperadora monotonia, como só têm experimentado os assignantes de S. Carlos.

Com os trabalhos gymnasticos, com as cançonetas burlescas, parodiando muito insulsamente os requebros hespanhoes, coisa de que os parisienses gostam immenso, mas que nós, pelo mais perfeito conhecimento do original, não podemos tolerar em imitação, com todo o espectáculo emfim, compreendendo as *toilettes tapageuses* das *dames de comptoir*, que pareciam Margaridas do *Fausto*, e bebiam Champagne como o proprio Mephistopheles, o do vinho com fogo de vistas, não era capaz de beber, dava-se a mesma monotonia que com o bailado!

Na segunda noite, não fomos superiores á provação e demos por bem empregados os dois francos da entrada pelo boa soneca que fizemos, debruçados n'um camarote.

O *Mabille*, o celebre *Mabille*, conhecido, ou antes desconhecido, em toda a Europa, annunciara grandes festas e bailes, em determinados dias da semana.

Era mister triumphar de semsaboria; e alli esperavamos alcançar a victoria. Cinco francos! ai nossos queridos cinco francos! Ás nove horas não estava ninguem, e fazia uma mediocre orchestra um mediocre concerto; ás dez horas accendia-se a grande iluminação para o baile, n'um sobrado redondo em torno do coreto. Havia quatro marcas do sexo feminino, pobremente vestidas, e que pareciam ter sido mandadas pedir emprestadas aos bailes de mascaras da Trindade, nos domingos de dezembro e janeiro; mas, como não havia marcas do sexo masculino, e os espectadores, elles e ellas, não dançavam, vimos uma quadrilha com dois pares, e uma waltz com um só! Animação, aquillo!

No *Mabille*, começou por se dançar vertiginosamente, depois a affluencia de espectadores, de ambos os sexos, tornou-se tão grande e compacta que acabou por não haver onde se dançar, logo por não haver quem dançasse e por fim por não haver quem fosse ver a ausencia das danças.

Aquillo é a sombra de um publico, entregando-se á sombra do divertimento de ver a sombra d'uma can-can!

Queridos nove tostões! que chegavam quasi para duas noites de baile no salão da Trindade! O baile dos bombeiros; o Pas-seio com o Justino Soares, tudo, menos aquillo!

No *Tivoli*, sala muito escura e triste, n'uma rua muito triste e escura, dançavam creadas, costureiras e outras coisas, com estudantes e caixeiros, havendo animação e cerveja, com o seu copinho de *fine Champagne* por extremo de extravagancia.

Ahí então não ha espectadores, de maneira que quem não dança faz a triste figura de toda a gente que se vê só, que tem a consciencia de estar sendo apontado com o dedo, como excepção.

Refugiámo-nos nos cafés concertos.

D'isso ha variedade infinita. Ao ar livre e cobertos, aquellas cobrem-se quando chove, estes destapam-se, como quem destapa uma terrina, quando faz calor.

Entrada livre! Ninguem pede dinheiro á entrada. Generosas creaturas! Mas apenas a gente se vê lá dentro, paga então, dando-se-lhe a doce regalia de ter direito a uma *consommation*, que ha de beber quer queira quer não queira. Um *bock* fresquismo, ou um *punch à l'américaine*, um *demi verre* ou o que quiser. O *bock* tem, em regra, a preferencia: depois do primeiro, que finge ser gratuito, vem outro e outro; sempre apparece quem se offereça a ajudar-nos a levar aquella cruz ao Calvario, e o numero dos *bocks* multiplica-se, e os creados vão sempre levando o copo, e sempre deixando o pires, e depois contam o numero dos *bocks* consumidos, pela rima de pires, que o freguez tem diante de si!

Mas o *Horloge, les Ambassadeurs, o Alcazar, o...* Quem vê um vê todos; ouvem-se mal ao e ao longe as mesmas canções, vêem-se os mesmos gymnastas, alguns já nossos conhecidos de Lisboa, e outros ainda peiores do que os que conhecemos de Lisboa, e apparece por grande novidade um corcunda a cantar com voz abarytonada, acompanhando-se á viola, umas canções allusivas á propria marreca, mas tão massador que em o applaudindo repete sempre. Insupportavel!

Fomos cair no circo de cavallinhos, no *Cirque d'été*. Era a ultima degradação. Os alumnos de primeiras letras e as creadas de servir applaudiam phreneticamente a airosidade das *voltigeuses* e as facecias dos *clowns*; e nós, por não termos outra coisa que fazer, applaudimos tambem; mas não tivemos coragem de estar até ao fim do espectáculo. É a nossa uaiça desculpa, a unica circumstancia attenuante que milita em nosso favor!

A semsaboria indigena estava vingada. Paris, a petulante, a folgasã, a leviana, ensinava-nos com todo a mestria, como é que a gente se aborrece.

Mas é que Paris então não estava em Paris: Paris divertia-se nas praias, nos castellos, nos banhos, nos arredores, no estrangeiro, em toda a parte, menos em Paris. Os forasteiros é que se andavam a enganar uns aos outros e a ampararem-se mutuamente no desconsono do aborrecimento.

Eis a chave do enigma!

A. M. DA CUNHA BELLEM

CARTEIRA DE UM PHANTASISTA

C.

Ai que tristeza, que dôr
Por te vêr um só momento!
Mas levas-me o pensamento
Nas azas do meu amôr!

Hei de seguir o caminho
Da tua esteira de luz,
E hei de ir pedir ao teu ninho
Um descanço á minha cruz!

Não se esquece, não se olvida
O teu ingenuo sorriso:
A' minha morte deu vida
N'uns sonhos do paraíso!

Eu sinto dentro de mim
O teu olhar scintillante:
Esp'rança vivificante
Das minhas maguas sem fim.

E nas horas dolorosas
Hei de olhar o teu olhar
Nas estrellas luminosas,
No ceu, na terra e no mar!

Que eu tenho dentro do peito,
Que eu sinto no coração
Esse olhar, que me tem feito
Um escravo da paixão!

Pareces um ideal
Que se fez realidade
N'um mimo de mocidade
D'um mundo sentimental!

As fallas, puras, suaves,
Distillam doces essencias:
Assim... só fallam as aves
Que se aninham nas hortensias.

Vai-te embora, adeus, adeus,
Mulher, anjo, flor, esp'rança!
Adeus, formosa criança,
Milagre das mãos de Deus!

Ai que tristeza, que dôr
Por te vêr um só momento!
Mas segue-te o pensamento
Nas azas do meu amor!

N. — 3 — 10 — 81.

SERGIO DE CASTRO

SOIRÉES EM MADRID

Existem climas diferentes no mundo moral como no mundo physico. Cada epocha e cada raça tem a sua atmosphaera propria, que concorre eficazmente para o desenvolvimento e indole das suas diferentes idéas. Ha individuos, porém, que se emancipam da communidade que estreita os individuos d'uma nação e d'um seculo. Teem uma maneira de sentir desconhecida dos mais; vivem afastados, sós no seu mundo interior de poesia. A originalidade das suas obras, excitam quasi sempre a aversão dos contemporaneos. Este phenomeno é causado pelo amor do passado, sympathia fatal para os innovadores. *Laudator temporis acti*.

Acreditar na perfectibilidade dos privilegiados é peccar contra a moda, e demais custa muito ás multidões elevarem-se até ás alturas aonde vivem os genios. Jesus Christo morreu no Calvario, accusado de impostura. Outros teem morrido de fome.

Somente mais tarde, quando a verdadeira critica se faz escutar, então voltamos aos deuses crucificados; justiça tardia que elles já não podem ouvir. A arvore secular arrancada pela tempestade e deitada por terra, é sempre maior. Foi a sorte de Beethoven; é a de Richard Wagner, que hade beber até á ultima gota o calix da amargura.

Os musicos reformadores, muito mais que todos os outros artistas, tiveram que soffrer os preconceitos da rotina. A intrepidez genial que os conduz a explorar novos caminhos, attrahe-lhes grandes dissabores.

Wagner é um d'esses infelizes. Existia apenas um cantinho no mundo em que era bem apreciado; o theatro de Beyreuth. Alli era o seu reino; governava despoticamente, como um Pharaó, sobre um povo obediente. Hoje não; Wagner, o propheta de uma religião nova, vive taciturno, concentrado no seu profundo egoismo. O seu caracter indomavel não admittia regias censuras.

Ouçamos a *Marche des Fiançailles* da opera *Lohengrin*, do famoso maestro allemão. Elle não é precisamente o maior admirador d'esta opera; chama-lhe, desdenhoso, um dos erros da sua juventude; uma rapaziada musical! A *Tannhauser*, *Rienzi* e os *Mestres Cantores*, outras tantas *enfantillages*. *Die fliegende Hollaender*, opera inspirada na legenda scandinava, e tão apreciada nos paizes do norte, não merece ao intransigente Wagner maiores elogios.

Para elle, a sua obra capital, o monumento que o ha-de immortalizar, é o seu grande poema musical, *Die Niebelungen*, dividido em tres partes, que correspondem a outras tantas nou-tes: *Die Goetterdaemmerung*, *Walkure* e *Brunhilde*. Essa trilogia é a expressão mais acabada da sua individualidade esthetica e offerece incontestaveis garantias de perpetuação. O constructor da pyramide conhece-lhe exactamente a altura; a nós cabe-nos admiral-a de longe sem nos atrevermos a medil-a.

Por consequencia as primeiras obras do illustre genro do reverendo Litz, são trabalhos ligeiros, muito melodicos e seriamente ameaçados pelo terrivel realejo. Wagner tem uma grande missão a cumprir e hade realizal-a, dando morte atroz ao errante musico dos pobres. A musica do futuro ha-de ser inexoravel com o melancolico instrumento, propagador das melodias de Bellini e Donizeti.

Admiramos a audaciosa refo:ma de Wagner, na grandeza do seu genio creador, mas não acreditamos no talento dos seus imitadores.

A febre revolucionaria que o anima ha-de morrer com elle. O dominio ethereo do sonho não pertence a todos; são campinas uberrimas que só a charrua dos deuses pode lavar.

MANLIUS

(Segue)

ATRAVEZ DO BINOCULO

THEATRO DE S. CARLOS

TROVADOR

Ha uma phrase que vive ha muito na imprensa, que é o cavallo de batalha dos jornaes e a delicia tranquillizadora dos artistas. A phrase em questão é «o nosso bom povo», «este bom povo.»

Ora eu pensei hontem á noite, em S. Carlos, que esta phrase é perfeitamente banal e absurda e que o nosso *bom povo*, quando lhe dá para ser mau, faça-se-lhe justiça, ninguem o excede.

É verdade que a plateia do theatro lyrico não é povoada pelo que propriamente se chama povo, é evidente que ella se compõe da camada fina, da fina flor, da alta *gomme*, que fuma á porta da Havaneza os charutos caros, desfructando a invejavel regalia do *far niente*; é por isso talvez que a maldade, a que estou alludindo, é tambem pela sua parte superfinia...

A empreza do theatro de S. Carlos deu-nos hontem o molho de pasteleiro do *Trovador*.

Ora este *Trovador*, com quanto no seu genro de opera ligeira seja uma das mais frescas e melodiosas inspirações de Verdi, uma das partituras mais suavemente enamoradas, como parece que só poderiam brotar da fantasia delicada e sonhadora de Bellini, o ideal amante da Malibran, na sua qualidade de molho, servido todas as épocas, por todas as emprezas a varias gerações e em diversos *menus*, é uma das menos sup- portaveis.

O anno passado, o *Trovador* cantado pela Borghi-Mamo, a grande artista adorada pelo publico, e por Fancelli, o incomparavel tenor, não conseguiu dar mais de duas ou tres recitas.

E sempre que o *Trovador* apparece, este *Trovador* moído pelos realejos sentimentaes e espancado pelos pianos assassinos, uma hostilidade surda fermenta, levedando em saraivada de epigrammas, velhos como a opera,

N'estas condições deploraveis, exacerbadas pela attitude despotica da plateia, claramente adversa á empreza e aos artistas, Manrique tangeu o seu alaude.

Como vêem, o *fiasco*, se andasse a procural-os de fito feito e caso pensado, não poderia descobrir melhores cúmplices.

Dava-se uma opera que mergulhou ha muito na estagnante indiferença dos saciados, em condições de confrontos perigosos, executada por um grupo de cantores que o publico hostilisa.

Tudo estava de antemão preparado para esse *fiasco*, previamente saboreado na cavaqueira do Gremio, e que se annunciava por todos os modos inevitavel.

Pois bem, o *fiasco*, por um espiritosinho de contradicção de que até os *fascos* são susceptiveis, não appareceu: mas o que é mais extraordinario, é que o seu contendor o — *triumpho*, tambem pela sua parte não se resolveu a figurar.

E aqui é que me parece que a maldadesinha do publico des- empenhou um papel significativo...

Porque, o que em condições normaes fosse tido á conta de soffrivel, deveria afigurar-se em relação á noite de hontem detestavel. Logo se não era detestavel, — e aqui nos salteia um argumento genuinamente prudhommesco — é porque era bom.

Qual foi então o motivo, meu caro, porque tu, a despeito da surpresa agradavel, confessa? que vibrou no teu ouvido, es- cutaste a opera desdenhoso e mudo, quebrando apenas o teu implacavel silencio para atirares umas pobres palmas contra- feitas á *romanza* do segundo acto, admiravelmente cantada por Kaschmann?

Que dóse de mau humor, perfeitamente infantil, obstou a que victoriasses os dois tercetos do primeiro e ultimo acto, brilhantemente *enlèves* e cantados com intensa expressão e colorido apaixonado por Kaschmann, Turolla e Bulterini?

Porque não applaudiste a *romanza* da Turolla no 1.º acto, *smorzada* com incontestavel proficiencia e phraseada com um sentimento dramatico, pouco vulgar na opera lyrica?

Que *partis pris* te obrigou a negar uma salva de palmas ao andante e allegro de Bulterini, no 3.º acto?

Resumamos.

Turolla sobressaiu inegavelmente na parte de Leonor, can- tando em geral excellentemente, phraseando com superior ex- pressão e imprimindo ao personagem um grande relevo dra- matico, particularmente no 3.º acto, que foi cantado e repre- sentado pela illustre *prima-donna* como raras vezes elle tem sido representado e cantado em S. Carlos.

Kaschmann, com quanto ligeiramente encommodado, deu um bello colorido apaixonado e harmoniosissimo á parte do conde de Luna.

Bulterini cantou por vezes admiravelmente, com expressão e mimo, sustentando em toda a opera o que ha a esperar da sua voz suave, insinuante e bem timbrada.

Borghi, um meio contralto muito distincto, cantou bem a parte de Assucena, distinguindo-se na *romanza* — *Stride la vampa*.

Somma e segue:

Espectativa hypothetica do diletantismo: — *pessimo*, com tres pontos de admiração e uma duzia de reticencias.

Demonstração pratica dada pelo artistas: *bom*.

Resultado: *nihil!*

GABRIEL CLAUDIO.

RUMORES DOS PALCOS

Entraram em ensaios no theatro de D. Maria no dia 28 as comedias *Le monde ou l'on s'ennuie* e a *Chrysalida*.

*
A nova actriz Thereza Taveira, escripturada no theatro de D. Maria, debuta nos *Burguezes de Pontarcy*.

*
O festejado escriptor dramatico Sousa Bastos, vai ser empresario de um dos theatros do Rio de Janeiro, para o que virá a Lisboa em janeiro escripturar alguns artistas.

*
A empresa de S. Carlos escripturou a insigne prima-donna Bianca Donadio, que debutou, com grande exito, no *Barbeiro de Sevilha*.

*
A reaparição da Croisette, no theatro Francez, verificou-se com a *reprise* da *Princeza de Bagdad*, peça que no dia 27 subiu á scena no theatro de D. Maria, traduzida pelo nosso collega, o sr C. de Moura Cabral, e acerca da qual daremos desenvolvida noticia.

*
A Nilsson cantou n'uma *soirée* intima dada pelo rei da Suecia a romanza de *Mephistopheles* de Boito.

A rainha deu-lhe um magnifico bracelete com as suas iniciais e a corôa real de diamantes.

*
No rio de Janeiro, o theatro Lucinda distribue diariamente um pequeno jornal de critica á critica, intitulado *Jornal do Theatro Lucinda*. Ao centro traz um annuncio do theatro e em volta duas columnas com artigos. É redigido por Souza Bastos.

*
No theatro Phenix do Rio de Janeiro a *Mascotte* contava, até 20 de setembro ultimo, 36 representações.

*
No theatro D. Pedro II, do Rio de Janeiro, canta-se actualmente, entre outras operas a *Força do destino*, desempenhada por Borghi-Mamo, Visconti e Ghioacchini, e Tamagno, Battesini, Storti, Castelmarty, Trinero e Ramini.

*
Os actores Antonio Pedro, Gil, Brandão, Costa e Elvira Antunes, regressaram a Lisboa.

*
No theatro Recreio Dramatico do Rio de Janeiro, de que é empresario a actriz Ismenia, continua em scena o drama *Divorçons* e ensaia-se a *Nana* de E. Zola, *11 dias de sitio* de J. Verne e a magica *Talisman do Diabo*.

*
Vai realisar-se um beneficio em S. Carlos, no dia 7 de novembro, promovido por uma commissão de jornalistas, que tem por motor suavisar a atribulada existencia de um homem distincto, de elevado talento, que luta ha muito com os transees de um doloroso infortunio. Ninguem deixará de certo de concorrer a uma festa cujas alegrias tem por objectivo o mais santo de todos os intuitos, enxugar o pranto dos que soffrem.

*
Da *Gazeta da Tarde*, jornal do Rio de Janeiro, que celebra desenvolvidamente o grande successo obtido pelo *Mephistopheles* de Boito, transcrevemos a parte que se refere á grande cantora Borghi-Mamo:

«De Margarida e Helena, isto é de Mademoiselle Borghi Mamo, é difficilimo fallar demasiadamente bem; uma concepção mais perfeita dos dois caracteres, o proprio Boito não a poderia desejar.

A Margarida, personificada por ella, foi a Margarida de Goethe e de Boito, (não a Margarida copiada de Ary-Scheffer por Gounod e seus dois librettistas). Na Helena encarnou ella o verdadeiro typo da graça e da belleza antiga. Vimos assim passar deante de nossos olhos o *ideal romantico*, depois o *ideal gre-*

go, que pareceram no final confundirem-se e moldar-se em um só. O modo porque se houve durante toda a scena da prisão, foi uma obra prima de vocalisação e arte dramatica. O effeito da sua morte foi tão artistico e soberbo, que a fez vir no final dez ou doze vezes á scena para receber os applausos entusiasticos com que o publico a victoriava.»

*
A nova actriz Maria Visconti, que fez a sua estreia na Trindade, debutou no *Piperlin*, substituindo a actriz Josepha, a quem a empresa acaba de rescindir a escriptura.

BIBLIOGRAPHIA

Os nossos estimaveis collegas *Revolução de Setembro* e *Folha Nova* transcreveram a biographia de Jayme de Seguiet, devida á penna da redactora das *Ribaltas* e publicada no n.º 42 do nosso hebdomadario.

*
Acaba de ser distribuido um novo volume da valiosa *Bibliotheca do povo e das escolas*, editada pelo sr. David Corazzi.

Trata de *hygiene*. É inutil recommendar uma publicação de tão incontestavel valia.

*
Recebemos o n.º 9, pertencente ao 3.º anno, da *Bibliographia portugueza e estrangeira*, editada por Ernesto Chardron. Insete os artigos de critica publicados com referencia ao livro de *Contos* de Fialho de Almeida.

*
Acha-se já completo o 1.º volume da notavel obra *De Benquella ás terras de Iacca*, escripta pelos illustres exploradores Roberto Ivens e Capello. A nitidez da edição disputa primazias ao merito do texto.

Occupar-nos-hemos detidamente d'este importantissimo livro, que honra por todos os modos o nosso paiz.

*
Publicou-se o n.º 68 da *Moda Illustrada*, excellente jornal de modas, enriquecido de excellentes figurinos e moldes.

Assigna-se para a *Moda* na administração das *Horas Romanicas*, Rua da Atalaya, 40.

ALBUM ENYGMATICO

CHARADA-ENYGMA

PREMIO OFFERECIDO AO PRIMEIRO DECIFRADOR

Um «Nocturno» para piano de Dohler

Na quarta posta adiante da terceira
muita vez cae segunda apoz primeira

e sendo de grande valor,
cada qual bem separada,
reunidas, como estão,
quasi que não valem nada.

Lisboa.

D. ELISA BASTO.

O premio entrega-se á primeira pessoa que enviar a solução, á redacção das *Ribaltas*, rua dos Fanqueiros, 87.

A primeira pessoa que nos enviou a decifração do logogrypho da nossa estimavel collaboradora, D. Elisa Curado, foi a sr.ª D. Augusta Dias da Silva. O logogrypho era **Desagradecidamente**.

ALMANACH DAS SENHORAS

Vae sair do prelo o *Almanach das Senhoras* para 1882, de que é redactora a sr.^a D. Guiomar Torrezão. O novo almanach, ao encetar o seu 12.^o anniversario, apresentará um sem numero de novidades e melhoramentos, que constituirão, estamos certos, outros tantos elementos de extracção. Esta publicação, unica no seu genero em Portugal, que tem caminhado sempre escudada por um exito seguro, augmentando de anno para anno as suas tiragens e ampliando o quadro dos seus leitores e collaboradores, entre os quaes figuram os primeiros nomes da litteratura portugueza e brasileira, corresponde d'esta maneira ao favor publico, obtendo assim novos titulos ao apreço dos seus numerosos leitores. O *Almanach das Senhoras* para 1882, que dispõe de uma collaboração brilhante, abrirá com o retrato photographico de madame Julieta Lamber, viuva Adam, a celebre republicana redactora da *Nouvelle Revue*, um dos orgãos mais adeantados da imprensa franceza. O retrato é acompanhado da biographia da grande jornalista franceza, escripta pela redactora do almanach, a sr.^a D. Guiomar Torrezão, e seguida de um autographo de madame Adam.

Inaugurará além d'isso o novo almanach uma serie de gravuras que illustrarão o texto, correspondendo assim ao gosto moderno que exige a par da imagem abstracta, realisada por meio da escripta a imagem figurada por intermedio do lapis e da gravura. Tendo sido acolhida com geral aprazimento a secção de problemas inaugurada no almanach de 1881, a empresa do *Almanach das Senhoras* resolveu desenvolvê-la, para o que convidou um illustre lente de mathematica que se dignou dispensar-lhe uma valiosa collecção de problemas. Os problemas do almanach para 1882 dividir-se-hão em duas series, sendo uma exclusivamente para o Brazil.

Todos os problemas são premiados, entregando-se o premio á primeira pessoa que enviar a solução, depois de exposto á venda o almanach, dirigindo-se á livraria Zeferino, rua dos Fanqueiros, 87, Lisboa, deposito principal e actual gerencia do *Almanach das Senhoras*.

Eis a relação dos principaes premios:

Uma argola DE PRATA para guardanapo.

Um *souvenir* DE PRATA.

Musicas.

Chromo-lithographias.

Collecções de jogos allemães em caixas de madeira com dados.

Um quadro a cartão, feito e offerecido pela ex.^{ma} sr.^a D. Elisa Curado.

Uma collecção do *Almanach das Senhoras*.

Livros de missa com capas de metal, (dois).

Livros: *Arabescos*, de D. Maria Amalia Vaz de Carvalho.— *L'Espagne moderne*, de Madame Rattazzi.— *L'Homme noir*, de Alfredo Sirven, com um autographo de Victor Hugo.— *Bibliotheca do povo e das escolas*, uma serie de livrinhos de estudo.— *Contos sem nome*.— *Perfis moraes*, do dr. Baldy.— *El deber cumplido*, romance de D. Faustina Saez de Melgar, etc., etc., etc.

A empresa do *Almanach das Senhoras*, correspondendo por todas as formas á grande acceitação que encontrou na respeitavel classe commercial a secção de annuncios que encetou em 1877, a qual tem visto progressivamente augmentada, e desejando tornar o mais vantajosa possivel a publicidade dos mesmos, resolveu inaugurar no almanach para 1882 um novo genero de annunciio que submete á apreciação dos senhores annunciantes.

Como é sabido, a avultada tiragem e extraordinaria extracção do *Almanach das Senhoras*, em todo o reino, no Brazil, nas ilhas e colonias, dava de per si a maxima vulgarisação ao annunciio. A empresa, porém, tendo em vista facultar-lhe mais amplo desenvolvimento, vae publicar no futuro almanach, independente da secção de annuncios impressos em papel de cores diversas, e incerta no fim, o annunciio intercallado no texto, á imitação de que fazem identicas publicações na America, Inglaterra, França, etc. Custará cada annunciio, publicado na secção litteraria, o qual não poderá occupar menos de uma pagina, 2\$500, subsistindo para os annuncios do fim do almanach o preço habitual, isto é, uma lauda 1\$500, meia 1\$000, paga adiantada. Além d'isto, a empresa do *Almanach das Senhoras*, empenhando-se em facilitar por todas as maneiras a divulgação do annunciio, cuja reconhecida utilidade é ocioso encarecer, publicará um catalogo commercial, com indicação dos estabelecimentos, pagando apenas cada annunciante 200 réis, podendo dispôr de uma linha para a menção da sua industria e residencia. Os srs. assignantes que avaliando bem as vantagens que lhe offerecemos, queiram dispensar-nos os seus annuncios, sirvam-se fazel-o desde já remettendo-os para a agencia BASTOS & GONÇALVES, rua dos Retrozeiros, 147, ou para a LIVRARIA ZEFERINO, rua dos Fanqueiros, 87, Lisboa, e no Porto para a *Agencia da Publicidade*, Praça de D. Pedro, 23, indicando nos mesmos se desejam publicado o annunciio no texto ou no fim do livro.

AO COMMERCIO BRAZILEIRO

Os srs. annunciantes brasileiros que se dignem dispensar-nos os seus annuncios queiram remettel-os aos nossos agentes, srs. Arthur Teixeira e Moraes Calabre, rua dos Ourives, 95, Rio de Janeiro, onde se acham patentes os preços e condições dos mesmos. Os mesmos srs. são os unicos encarregados da venda do *Almanach das Senhoras* no Brazil, tendo tambem a seu cargo fazerem entrega dos premios ás pessoas que resolverem os problemas da edição brasileira.

Ricos e valiosos artigos para presentes, tudo que apparece em bom, proprio para offerecer á mais aristocratica dama ou ao mais distincto cavalheiro. De Paris, Russia e Philadelphia recebem-se os primeiros modelos.

O Centro aceita objectos bons para expôr á venda; a casa é a mais concorrida da capital, por isso tudo encontra collocação por soffríveis preços.

CENTRO COMMERCIAL

LUVA AROMATISADA

Da secção de luvaria do Centro enviam para qualquer destino, a troco de estampilhas, a luva da moda.

Preço: tendo quatro botões para senhoras e dois as para cavalheiros, são 500 réis!!!

Sendo maior quantidade teem abatimento os preços da bella luva aromatisada, assim como as de fino Suede e Escossia, praias e campo.

RIBALTAS E GAMBIARRAS

REVISTA SEMANAL

Publica-se aos domingos e vende-se em todos os theatros

PREÇOS

Lisboa	Cada numero 20 réis Assinatura de 25 numeros 500 "	Rio de Janeiro — Assignatura
		de 25 numeros . . . 25000 réis

Assigna-se na Livraria Zeferino—
87, Rua dos Fanqueiros, 87. Assigna-se em casa dos srs. Sousa Teixeira e Moraes Calabre—95,
Rua dos Ourives, 95.